

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
 Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
 Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
 Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
 Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
 ANO V—Número 1.529
 Domingos, 18 de Novembro de 1923
 PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
 Calçada do Cambre, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
 TELEFONE—5339-C
 Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

A BATALHA vai iniciar brevemente o seu "Suplemento literário" que sairá às segunda-feiras.

Educação e Revolução

Circunstâncias bem conhecidas de quantos acompanham de perto e com interesse a acção social e o movimento das ideias neste país, conduziram-nos a uma situação difícil, de apatia e confusão, a que é necessário atalhar, sem mais demora e a todo o custo.

Não tentaremos sequer assinalar aqui as causas nem os efeitos da depressão que têm soado a propaganda, as energias dos lutadores e o próprio impulso das ideias. Isso seria recordar defecções e inconseqüências, erros, desvarios e degradações que se têm verificado em todos os campos e de que nenhum partido, grupo ou corrente se pode vangloriar de estar isento. Recordar esses factos lamentáveis seria reviver dolorosas horas amargas que desçjamos que todos esqueçam, seria revolver feridas que em todos desejamos ver cicatrizadas.

O nosso fim reduz-se, neste momento, a tomar uma iniciativa que julgamos de todo necessária, não só para reagirmos contra a lamentável situação a que chegámos, como também para nos opormos a essa avalanche de mediocridade, de mentiras e de convencionalismos que ameaça subverter as nossas aspirações emancipadoras e as energias dos nossos melhores companheiros de combate.

Tem essa iniciativa por objecto levantar a propaganda dos nossos ideais à altura que justamente teve em tempos recentes; retornar àquela forma de propaganda doutrinária e idealista, a que poderíamos chamar clássica; chamar de novo à actividade aqueles velhos e desinteressados amigos que, pondo ao serviço da causa revolucionária a sua inteligência e o fruto das suas longas luctações, tanto impulsionaram o movimento operário e social neste país; acolher a colaboração intelectual dos novos iniciados ao estudo e contribuindo para a formação da sua consciência revolucionária; permitindo a certos elementos intelectuais que com o

nosso labor renovar sinceramente simpatizam, a colaboração de que necessitam e que sabemos que lhes apraz prestar-nos; franquear a discussão elevada e serena dos problemas sociais para esclarecimento da verdade, a fim de que cada um tome conscienciosamente a sua posição perante a agitação que se vai estendendo por todo o mundo—criando, para esse efeito, um órgão de exposição doutrinária que seja um elemento de educação e de aperfeiçoamento moral e intelectual, criador de energias novas e de um ideal cheio de generosidade e de nobreza.

De há muito tempo constatado que no nosso campo operário e revolucionário se vem sentindo a necessidade de uma publicação deste género, algumas iniciativas tendo sido tentadas por alguns dos nossos amigos e camaradas, individualmente ou em grupo, mas todas fracassadas devido às escassas possibilidades materiais de lhes dar realidade em consequência das apavorantes despesas que hoje qualquer publicação acarreta aos seus editores.

A Batalha cumpria, pois, ir de encontro a essas aspirações gerais, longe estando do seu espírito interromper qualquer outra iniciativa semelhante pois que muito a satisfizem sempre todos os louváveis esforços que tendem a criar novos paladinos da Ideia, novos arautos da Revolução que emancipe, a Batalha, porém, tal iniciativa se impunha porquanto a sua existência de cinco anos, a sua tiragem já fixada, a sua rede já montada de agentes e correspondentes por todo o país, o núcleo forte, numeroso e sempre firme de amigos que a rodeia e a acarinha, dão-lhe condições que permitem garantir vida longa a uma publicação sua filha, por ela editada, desde que, como é de contar, todos os assinantes, leitores, agentes, correspondentes, amigos e colaboradores do diário dispensem ao seu suplemento a mesma simpatia, coadjuvação e apoio.

A solidariedade dos nossos amigos, dos provados companheiros de sempre, fazemos daqui um clamoroso apelo, confiados em que não hão de negar a sua cooperação a uma obra desta índole. De facto, todos compreenderão a necessidade que existe de contarmos com esse género de publicações, pois que o jornal ainda que exerça um proveitoso labor de propaganda entre os trabalhadores não é tão eficaz em outros campos ainda não preparados para receber as nossas ideias. De mais, a Batalha diário, órgão de classe essencialmente combativo e de informação, não dispõe de espaço para a obra de educação intelectual, moral e artística que lhe cumpre levar a efeito. No diário luta-se com a falta de espaço para a inserção do noticiário geral e da acção dos sindicatos, dos artigos de comentário e de combate às prepotências e aos escândalos da classe burguesa, da defesa dos interesses corporativos e das vítimas do autoritarismo e da exploração, resultando ter de relegar a missão educadora que compreendemos caber-lhe também. Deste modo, o suplemento literário de A Batalha, que a partir da primeira segunda-feira do próximo mês, começará a publicar-se semanalmente, completará a obra de A Batalha diário.

Crentes de que basta o que deixamos dito para que todos tenham formado uma clara ideia dos propósitos que anima a Comissão Administrativa deste jornal a lançar-se a publicação do Suplemento literário de A Batalha às segundas-feiras, só nos resta esperar que não nos faltará o apoio indispensável para que tal empreendimento seja coroado de êxito, para proveito da Humanidade e com satisfação dos que firmemente creem na sua fatal e próxima libertação.

OS PRESOS

O primeiro acto de justiça que se impõe a um governo honesto é pôr imediatamente em liberdade as vítimas do António Maria

Não sabemos por que fatalidade, sempre que o partido democrático abandona o poder, as prisões, desde o Governo Civil ao Limoeiro, do Limoeiro aos fortes distantes, ficam cheias de operários. Mas o pior, o mais revoltante, o mais condenável é que em regra esses presos não têm a sua situação legalizada. São vítimas do arbitrio, da vingança conscientemente exercida fora da lei e fora da humanidade.

Há mais de quatro meses António Maria da Silva arremessou para o Forte de São Julião da Barra um punhado de homens.

Porquê?

Cansamo-nos de fazer esta pergunta — e nunca nos responderam cabalmente. Evasivas, hesitações foram as respostas. Vagamente atirou-se com uma acusação que nunca se provou — em quatro meses! — vagamente se disse que esses homens eram bombistas.

Ai deles se realmente essa acusação fosse verdadeira! Há quanto tempo não estaríamos julgados e condenados!

Mas não. O governo transactiva a consciência do seu crime — o fechou-se num mutismo feroz e empunçou, e prometeu medidas, e deixou passar os meses.

Os democráticos sabiam que os presos são inocentes. E depois de tanto tempo de clausura era ridículo pô-los em liberdade, com a sua inocência provada e comprovada. Se os formas aos tribunais da mesma forma se verificará que eles eram apenas vítimas duma tremenda calúnia.

E como seria um escândalo para

tentar-se que os presos não eram bombistas — António Maria resolveu ir mantendo na clausura, no sofrimento, um punhado de inocentes.

E' tempo, porém, de se fazer justiça.

Acaba de subir ao poder um novo partido — o nacionalista. Das suas afirmações depreende-se que vem animado da intenção de emendar os erros do governo anterior, de fazer justiça.

Pois o primeiro acto de justiça a praticar por um governo honesto é a imediata libertação daqueles operários que há quatro meses sofrem em São Julião da Barra, a mais iníqua, a mais feroz, a mais desumana das perseguições.

No gabinete dos «reporters», no governo civil, foi recebido este telegrama: «SAO JULIAO, 17. — Envia-mos ao Presidente do Ministério o seguinte telegrama: «Fora da Constituição cinco meses sem culpa formada, reclamamos de V. Ex.ª a liberdade, como é de justiça». — Os presos por questões sociais na Torre de São Julião da Barra».

Numa reunião dos grupos presidencialistas, efectuada ontem, o sr. João de Deus Guimarães, propôs e foi aprovado, que se aviasse uma comissão com o novo Governo a fim de lhe pedir a liberdade de todos os presos políticos e sociais detidos há mais de 8 dias sem culpa formada.

O dr. António Videira, novo governador civil, recebeu hoje uma comissão do Partido Comunista, que lhe pediu a libertação de alguns correligionários que considera arbitrariamente presos. O chefe do distrito prometeu estudar o caso com a máxima atenção.

CONGRESSO COMUNISTA

A TACTICA PARLAMENTAR

Foi aprovada numa sessão de carácter privado Um discurso do delegado da Internacional Comunista

As irradiações

No relato que publicamos do Congresso Comunista foram omitidas duas sessões devido ao carácter privado com o qual foram realizadas. Respeitamos esse carácter, aguardando que os organizadores do Congresso nos enviassem o relatório no momento que julgassem oportuno à sua publicação. Só ontem recebemos os aludidos elementos que são insuficientes visto que das duas sessões só a uma — a 4.ª — se referem e incompletamente.

Nessa sessão pronunciou um discurso o delegado da Internacional Comunista, Humberto Droz. O discurso foi pronunciado em francês e traduzido a seguir para edificação dos que não conheciam o idioma.

O delegado apreciou a situação internacional, analisando o antagonismo entre os capitalismos inglês e francês, a falência da Alemanha e a crise interna do fascismo italiano. afirmou que na Alemanha a revolução é inevitável, questão de algumas semanas ou alguns dias. Se ela estalar a Rússia ajudá-la e não consentir que o imperialismo franco-polaco a esmague.

O orador referiu-se ao partido socialista que ainda não aderiu a qualquer internacional e que é susceptível de repelir o reformismo. Depois de fazer a apologia da Rússia utilizando factos e apontando argumentos já conhecidos, referiu-se à social-democracia acusando-a de ter pactuado com a reacção, na Alemanha e na Austria, no momento em que poderia ter arrastado as massas para a acção revolucionária.

Ataca a Internacional de Berlim afirmando que ela age por métodos anárquicos induzindo os comunistas a lutar dentro da C. G. T. pela adesão desta à I. S. V. Entrando na apreciação da criação do partido, afirmou que a fracção do delegado da I. C., Humberto Droz, estava ilegível, oferecendo notórias dificuldades de tradução. O tumulto aumentou e o presidente deu por finda a sessão.

Na mesma sessão foi aprovada a tese *Governo dos operários e camponeses, e programa de acção do Partido Comunista*. Um dos capítulos desta tese, a acção parlamentar, foi discutida por vários delegados. Abel Pereira, João Caixinhas, Neves Anacleto, Indício Ramos, Nascimento Cunha e outros, defenderam-na. Apenas um congressista o dr. Miranda afirmou a sua inutilidade.

A intervenção do partido no parlamento foi, ao ser votada, aprovada por unanimidade.

Quando chegou ao assunto das irradiações levantou-se ruído devido aos protestos dos irradiados e de alguns elementos que se manifestaram contra a decisão. No meio do ruído um dos atingidos, António Monteiro, afirmou ser vítima da injustiça. Alguns dos elementos que sofreram as sanções da Internacional Comunista, como Pires Barrreira e José de Sousa, também ergueram os seus protestos.

O ruído intensificou-se. O delegado das Juventudes Comunistas afirmou que estas se afastavam do partido, ao que o presidente da mesa, Jesus Gabriel, reagiu, que estas iam ser reorganizadas pelo Comité Executivo. A declaração dos motivos porque eram irradiados, vários elementos, escrita pelo delegado da I. C., Humberto Droz, estava ilegível, oferecendo notórias dificuldades de tradução. O tumulto aumentou e o presidente deu por finda a sessão.

O CASO DO "ESPOSENDE 3."

Foram ontem julgados e absolvidos os oficiais e tripulantes — Um advogado que não tinha que dizer

No tribunal marítimo comercial de Lisboa, instalado no edifício do Departamento Marítimo do Centro, realizou-se ontem o julgamento de António dos Santos e José Maria de Matos, respectivamente comandante e piloto do lugre *Esposende 3.º*, que, como há dias noticiámos, eram acusados de agredir barbaramente alguns tripulantes na volta dos bancos da Terra Nova.

Esses tripulantes, de nomes Diogo Mirques, José da Neis, Manuel Francisco Nunes, Manuel Faria, Raul da Noira e António Pita, eram igualmente acusados por aqueles de não cumprirem com os seus deveres como determinam os respectivos regulamentos.

Nos interrogatórios, os tripulantes afirmaram ter sido agredidos e, por sua vez, os oficiais negaram tal afirmação. As testemunhas de acusação, também tripulantes, disseram nada ter visto, porquanto, encontrando-se à prôa não podiam verificar o que se passava à ré, onde, segundo os queixosos, se praticavam as agressões. No entanto os agredidos contavam-lhes as barbaridades de que eram vítimas. Outros tripulantes afirmaram não terem conhecimento das agressões, nem mesmo a bordo ouvirem alguém queixar-se. Porém, um relatório médico junto do processo constata-se, por exame feito, que alguns dos queixosos tinham sinais de haverem sido agredidos nas nádegas com instrumentos perfurantes e cortantes.

Depuzeram ainda outras testemunhas, capitães e pilotos que têm feito serviço na pesca na Terra Nova. Declararam ser natural que algum tripulante se corte quando está na pesca e como não há facilidade de fazer um curativo imediato e com a água salgada, resíduos de peixe, etc., é fácil infectarem as feridas, tanto mais que não há quantidade suficiente de água doce para os tripulantes se lavarem.

A esta observação, o presidente do tribunal acentuou que isso se evitaria se as respectivas empresas retivessem a bordo a água doce indispensável para que a tripulação tomasse banho, podendo assim haver mais higiene.

Quanto à acusação formulada pelos oficiais, baseava-se numa declaração de alguns tripulantes na qual afirmavam não metereem a soldada porque foram contratados em virtude de não terem pescado o suficiente. Sucede que esta declaração tinha a data do mês de Outubro e nela figurava o nome dum tripulante que desde Agosto havia desaparecido de bordo! Mais dois ou três que estavam presentes disseram não ter assinado tal documento, o que levou o presidente do tribunal a fazer sentir ao capitão do *Esposende 3.º* que não era assim que se defendia a dignidade profissional perante as empresas bacalhadeiras.

Ainda uma das testemunhas declarou ser

que sob as suas ordens foram o ano passado à Terra Nova três dos tripulantes presentes, que considerava indisciplinados, indesejáveis e maus pescadores. Mais uma vez o presidente do tribunal, à face das matriculas desses tripulantes, fez ver à testemunha não ser verdadeira a sua afirmação, porquanto verificava-se o contrário — tinham nota de bom comportamento na viagem com a testemunha.

Um advogado muito interessante

Havia no tribunal um advogado que defendia o capitão e o piloto. Os tripulantes estavam entregues a si próprios. Esse advogado falou durante 30 minutos à justa, e melhor seria que estivesse calado. No espaço de 21 minutos repetiu uns já velhíssimos chavões, que de velhos já perderam o efeito que lhe pretendia tirar.

— Os tripulantes, disse, foram sugestionados, a fim de apresentarem as suas queixas, por criaturas inferiores que mantêm a sociedade em constante desordem. Esses indivíduos que fazem propaganda de doutrinas dissolventes, perniciosas, delictórias, etc., é que influenciam os tripulantes a queixar-se. E tanto assim que o caso veio a público em certa imprensa que propaga ideias de destruição, e é pernicioso, dissolvente e delictório.

E por aqui fora. Não sabemos a que propósito o advogado veio com tais diálatas, pois não consta que esses indivíduos criminosos tivessem aconselhado os pescadores. Para fazer a defesa dos seus constituídos bem lhe bastava argumentar ao processo. Aquela certa imprensa deve ser conhecida, pois estamos habituadíssimos a tal tratamento da parte de criaturas que não têm mais que dizer. No entanto o advogado foi inútil porque ao caso, e talvez com piores cores, referiram-se também outros jornais que não são considerados perniciosos, dissolventes, delictórios, etc. Pelo contrário; são até muito amigos da ordem que o advogado defende. Mas esses jornais que lhe agradecem as referências.

Nisto gastou 21 minutos. Os restantes 9 foi para dizer que na pesca do bacalhau deve haver uma disciplina de ferro e os pescadores têm mesmo de ser tratados com dureza, para que a pesca seja abundante, de contrário as empresas bacalhadeiras, que empregam muitos capitães, serão prejudicadas, perdendo os accionistas o dinheiro empastado.

Muito bem! Os escravos do mar, aqueles que, à mercê das tempestades, com a morte sempre à frente dos olhos, vão para a Terra Nova na ânsia de ganhar mais alguns vitrais para mitigar a fome dos seus entes queridos, devem ser tratados como animais, a cicutos,

O PROCESSO VOROWSKY

Os advogados dos participantes atacam o assassino e o terror branco — Generais contra-revolucionários que andam na pândega pela Europa

LAUSANA, 10. — Esta audiência foi movimentada. A primeira testemunha a ser ouvida foi Warney, cidadão suíço que, no momento da revolução bolchevista, era preceptor em casa dum família aristocrática da Rússia. Ele entrou em 1919 para o exército de Danikine. Espera voltar um dia às fileiras do exército branco, embora reconheça que este cometeu alguns excessos.

Em seguida o tribunal ouviu os generais simpatizantes dos Soviéticos com os partidários do aventureiro Wrangel.

O general branco Crayter, o primeiro a ser interrogado, afirmou que o general Dortovalev foi irradiado do exército de Wrangel, depois da sua partida de Gallipoli.

O general Dortovalev respondeu que deixou Gallipoli por ordem do seu chefe Wrangel. Ajunta que a testemunha Crayter é de moral duvidosa.

A uma pergunta do dr. Dicker, advogado dos participantes, o general Dortovalev, antigo director dos serviços de mobilização do exército imperial, declarou que antes da revolução reinava no exército uma desordem completa. Pilhagem e inérria. Ainda hoje os oficiais superiores recebem somas importantes que eles gastam em orgias nas grandes cidades da Europa.

Interrogado sobre a moralidade do general Dortovalev, a testemunha afirmou que ela estava acima de todas as injúrias, das testemunhas de defesa.

Quanto ao general Crayter, que serviu sob as suas ordens, o general Dortovalev afirma que pertence a esta categoria de oficiais de fortuna, que frequentemente se encontravam no exército de Wrangel.

O general monárquico Crayter, interrogado a seguir, declara que os dois generais que acabaram de depor são considerados traidores pelos exércitos brancos.

O general Dobrorolsky responde ao agente de Wrangel fornecendo dados sugestivos sobre as afeições torturas em uso nos serviços aos quais pertencia o acusado Polounine.

para que as desgraçadas empresas multiplicassem os seus capitais! Admirável critério!

Que pena o sr. advogado não ser também pescador, na Terra Nova, para conhecer das comodidades ali existentes...

Por fim, recolhido o tribunal para deliberar, volta pouco depois para dar a absolvição a todos os acusados.

E ficaram todos muito satisfeitos, inclusive o advogado que teve ocasião de desalar e dizer... das boas.

O sr. Guinaud, que habitou na Rússia durante trinta anos, faz o elogio de Koltchak, que foi enganado pelos seus ministros. A testemunha reconhece que o regime branco cometeu atrocidades. Medvediev nutre ódio pelos bolchevistas e Borgand igualmente. A este o dr. Dicker obriga a confessar que se ofereceu a Krassine e Tchichérine, quando eles vieram a Lausana, para vender relíquias na Rússia e enviar representantes comarciais àquele país.

O escritor francês Henri Barbusse considera Conradi «o miserável instrumento dum erro e dum mentira que passam neste momento sobre o mundo».

E terminaram os depoimentos das testemunhas.

Falam os advogados dos participantes

LAUSANA, 12. — Hoje foi dada a palavra aos advogados dos participantes. O primeiro a discursar foi o dr. Welti, presidente do Partido Comunista. Numa linguagem sóbria, sem retórica, descreve os crimes do terror branco. Começa por afirmar a solidariedade da esposa de Vorowsky, actualmentem no hospital, abastada pela sua desgraça, com a revolução russa, da qual o seu marido é mártir.

Os participantes, diz ele, poderiam ser formado ao lado do procurador encarregado de requerer contra o crime. Ora, o procurador, profereu contra a vítima, e sobretudo contra a revolução russa.

Welti frisa a culpabilidade moral, e talvez mesmo material dos fascistas suíços em Conradi. Acusa a Liga Nacional Suíça — fascista — de ter impedido ao crime. Mesmo a imprensa burguesa reconheceu a existência da atmosfera homicida, criada pela opinião nacionalista em torno de Vorowsky.

Traça o perfil de Vorowsky, que afirma ter sido um revolucionário de coragem invencível. Os próprios adversários declarados, após a sua morte, descreveram Vorowsky como homem de facto, de bondade e de tolerância.

O dr. Welti diz que nenhuma revolução se fez sem violência e que a russa deteve a guerra que fazia correr rios de sangue russo.

Espera tudo do tribunal da História e nada do tribunal burguês.

O dr. Di ker, também advogado dos participantes, põe brutalemente a questão: «Há o direito de assassinar um embaixador dum país, vindo em missão diplomática, munido dum passaporte diplomático?»

Depreende-se por cartas e diversos documentos que Polounine não é um soldado, mas um espião, ou melhor, um contra espião. Ele foi a alma do crime contra Vorowsky, ao passo que Conradi foi apenas o instrumento. A sua missão na Cruz Vermelha é suspeita.

Este crime, diz Dicker, não foi apenas um crime político, foi simplesmente um crime. Demonstra que os brancos vendiam à Rússia as potências estrangeiras. Traça um quadro, a largos traços, do antigo regime, opressor do povo russo. Tira partido dos depoimentos dos generais Dobrorolsky e Dostovalev.

Em termos comovidos, pede ao júri que não desoure a Suíça.

F. A.

ANGELA PINTO

E' amanhã que os seus admiradores lhe promovem uma festa de homenagem — A BATALHA associando-se a essa homenagem, lamenta que tam grande artista seja votada ao abandono pelos poderes públicos :-:-

Angela Pinto vai ter amanhã, no Teatro de São Carlos, uma festa de homenagem, que é principalmente, porque não havemos de dizê-lo, um verdadeiro benefício que virá, por um ou dois anos, minorar um pouco a sua afilivada situação económica. E' extremamente louvável a iniciativa da comissão que tanto olha para a sorte da notabilíssima artista.

Angela Pinto é das maiores figuras do teatro português e neste momento ninguém há em Portugal que conheça teatro, que não pronuncie o seu nome ilustre e se congratule com a festa de consagração que vai realizar-se.

A Batalha, não pode, naturalmente, ficar insensível perante esta demonstração de simpatia e veneração por Angela Pinto, admirável comedianta que durante bastantes anos enriqueceu a scena portuguesa com algumas soberbas criações e cujo nome não pode deixar de ser gravado entre os que se merecem, por pruridos de vaidade, marcar uma época gloriosa e fulgida do teatro português.

Muitos comentários se presta a récita de homenagem que um grupo de jornalistas e homens de letras levam a cabo dentro de algumas horas.

Demonstra-se mais uma vez a indiferença que aos poderes públicos, merecem alguém que passou pela arte nacional, deixando do seu talento um rasto luminoso.

Neste desmanchar de feira, nestes tremendo confusão, em que de preferência se acantelem os interesses dos partidos burgueses e se jogam os negócios das coteries financeiras, é bastante significativo que sejam as iniciativas particulares, que venham em socorro dum artista que agoniza na miséria, em contraste com as esferas oficiais que perdem o tempo simplesmente em cobrir-se de injúrias e a invectivar-se numa insistência de pugnadores de vaidades e de defensores de oligarquias, que outra coisa não absorve os seus espíritos!

Para nós a figura de Angela Pinto é duplamente digna de carinho. A sua envergadura artística iguala a sua envergadura moral.

Correm de boca em boca narrativas eloquentes dos primeiros de Angela, cujo altruísmo, cuja generosidade constituem um bellissimo exemplo que devia aproveitar aos que guindando-se a grandes alturas, se convencem de que lhes é vedado olharem para os humildes e cuidarem dos desprotegidos.

E, no meio teatral, onde as prosapias enxameiam, e a emulação corre desbrilhada, o despreendimento, a modestia da vida de Angela Pinto, aparecem como coisa rara, a diademar a sua fronte de mulher, e a esmaltar ainda mais a sua coroa de artista.

O seu concurso aparecia sempre a secundar todas as festas de arte e de caridade e o seu melhor sorriso era sempre para os infelizes, mas sem exibição grotesca ou ademanes de enfatuamento.

Poucas vezes A Batalha se sentirá tanto à vontade partilhando da alegria que todos sentem ao tomar parte nesta benedita peregrinação de almas que com o seu esforço não levar ao lar da grande actriz, o óbulo que vergonhosamente, para desonra do nosso país, lhe tem negado os que enfeudados aos seus partidarismos políticos, ou perdidos na sua omnipotência de mandantes, se esquecem de olhar para os portugueses que sabem erguer alto o nome da sua terra, fora dos convencionalismos que sponham muitas vezes como manifestação de patriotismo, o que não passa afinal de uma hipócrita demonstração de civismo.

Nogueira de BRITO

GRAFICOS DESEMPREGADOS

A Federação do Livro e do Jornal no intuito de atender à situação dos gráficos desempregados, federados em 60 federados, entende da máxima conveniência a sua inscrição, a qual se efectua amanhã das 20,30 às 22 na sede da Federação, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º andar.